



Vendo que
o helicóptero da
guarda costeira
se afastava, Mike
Odom gritou
que não o
abandonassem.

SOZINHO NUM MAR TEMPESTUOSO

WILLIAM M. HENDRYX

SOPRANDO com uma força brutal, o nordeste fustigava o capote do uniforme de guarda costeiro de Jim Peterson. Ele olhava para seu já familiar helicóptero de salvamento, que levantava vôo do aeródromo de Elizabeth City, na Carolina do Norte, e desaparecia, depois, na noite.

«Se eu tivesse chegado 5 minutos mais cedo», pensou consigo o salva-vidas, de 25 anos, «teria ido com eles.»

Movimentando os ombros para se livrar do frio naquela noite de janeiro de 1995, Peterson entrou no edifício da base e foi falar com o responsável pela preservação.

— Problema sério? — perguntou.

— Parece — respondeu ele. — Cinco pessoas num veleiro de 14 m a cerca de 300 milhas da costa, no meio desta tempestade há três dias. O barco já está fazendo água e corre o risco de quebrar.

— Quem foi para lá?

— O Odom e o Vittone — informou o outro. — Está seguindo também um C-130.

Mike Odom e Mário Vittone eram grandes amigos de Peterson. Vittone, de 29 anos, com seu 1,88 m e queixo saliente, era de forte compleição, mas sua figura rude escondia um dócil coração. Quanto a Odom, de 30 anos, era

um homem magro e tranqüilo. A primeira vez que Peterson se dera conta do verdadeiro caráter deste seu companheiro fora depois de um tornado em que sua casa ficara danificada. Odom tinha aparecido à sua porta, poucas horas depois, com seu caminhão cheio de serras elétricas e geradores, e os dois homens trabalharam dois dias, limpando o local até torná-lo habitável de novo.

No interior do helicóptero, o copiloto, com óculos especiais de visão noturna, identificou o C-130, que voava em círculos, e a embarcação que afundava. Era 1.20 da madrugada. Odom e Vittone vestiram os trajes de borracha, concebidos para manter uma pessoa confortável durante um máximo de 50 minutos em águas geladas.

Antes de subirem no helicóptero, eles haviam lançado uma moeda para o ar, a fim de saber qual dos dois saltaria primeiro para salvar os sinistrados. Odom vencera.

— Desculpe, Mário — disse ele, dando uma palmada nas costas do amigo. — Talvez da próxima vez...

Agora, Odom prendia seu arnês ao gancho pendurado por cima dele e sentava-se na porta do helicóptero, que estava aberta. Suas pernas desapareciam na escuridão, e o vento, que soprava a 70 km

por hora, açoitava-lhe o rosto. Olhando para baixo, ele via as ondas violentas, que se elevavam a mais de 6 m.

De repente, um dos tripulantes do veleiro atirou uma corda no mar e saltou atrás dela, agarrando-a com as duas mãos. Mas submergiu sob uma onda enorme e perdeu a corda.

— Não há tempo a perder! — pensou Odom.

Pulando no vazio, desceu com o cabo, só se soltando pouco antes de bater de chapa na água gélida. No momento seguinte, submergiu sob uma onda que rebentara, mas, recuperando-se rápido, nadou em direção ao homem em perigo e amparou-o com o braço em volta de seu tórax.

— Tente se descontrair e deixe que eu resolva isto — disse-lhe.

Com o helicóptero suspenso a 15 m dali, Vittone e o mecânico de vôo tentaram colocar o cabo em posição de retirar o sinistrado, mas as rajadas poderosas tornavam o processo lento e perigoso. Um movimento em falso e o helicóptero poderia ser lambido por uma vaga mais forte. Após diversas tentativas, o primeiro sobrevivente foi por fim alçado para bordo.

Depois, foi a vez de Odom ser tirado da água, enquanto rajadas provocadas pela hélice, que atingiam 160 km/h, o açoitavam. Cada salvamento estava levando 15 minutos (três vezes mais que o tempo normal) devido à escuridão e às más condições atmosféricas. A tempestade esgotava também, rapida-

mente, tanto as reservas de combustível do aparelho como as energias de Odom.

De volta ao interior do helicóptero, Vittone olhou o companheiro nos olhos:

— Quer que eu faça o próximo salvamento? — perguntou.

— Não, eu faço mais este. Você fica com os dois últimos.

Enquanto o terceiro sobrevivente vogava nas ondas, Odom foi novamente baixado até a água. A meio caminho, porém, uma onda de 8 m açoitou-lhe o corpo, fazendo-o jogar violentamente de um lado para outro.

Com o estômago cheio de água do mar, ele bateu forte de novo na água e começou a vomitar. Nunca, até então, sentira tamanha dor. Mesmo assim, nadou até a vítima, ajudando o homem a subir no cesto de salvamento; depois, ficou observando-o ser içado.

A seguir, viria a sua vez de subir, mas estava completamente esgotado. Embora adorasse água desde pequeno, nunca se sentira tão desejoso de sair dela.

Lá em cima, Vittone viu que Odom estava exausto. Foi quando o co-piloto anunciou:

— Só temos 6 minutos.

Queria dizer que o combustível de que dispunham só dava para 6 minutos; depois, não haveria volta possível. «Gostaria de ter salvo eu o terceiro sobrevivente», pensou Vittone.

Enquanto o mecânico de vôo manejava o gancho hidráulico, içan-

do esse homem, Vittone tentava evitar os violentos balanços do cabo de aço de fios trançados, fazendo-o deslizar entre as mãos. De repente, sentiu algo afiado cortar-lhe a luva. «O cabo está se desfazendo!», percebeu. O vento forte fizera-o roçar na borda do helicóptero.

— Vamos perder o cabo! — gritou para o mecânico. — Puxe-o para cima!

Após várias tentativas, o sobrevivente foi por fim trazido para o interior do aparelho, mas os fios de aço partidos tinham ficado presos à caixa onde se enrolavam, provocando assim um bloqueio em seu movimento.

Nervosos, Vittone e o mecânico tentaram fazê-lo desenrolar-se à mão, para que o emaranhado viesse para fora, mas o cabo continuou preso. Ensaíram depois unir os fios, mas o gancho continuou imóvel. Foi então que o co-piloto gritou:

— Acabou o tempo!

Vittone olhou para baixo, para Odom, que fazia sinais insistentes para que o içassem. «Eu devia ficar com o Mike», pensou, mas tinha de dar assistência aos três sobreviventes que estavam no helicóptero.

Deixou-se então cair contra a parede de metal. Na base, só existiam dois helicópteros capazes de atingir aquela distância e ambos se encontravam em manutenção. E seriam necessárias várias horas para que o aparelho em que agora ele estava se encontrasse de novo em condições de prosseguir o salvamento. Os olhos de Vittone se encheram de lágrimas.

«Devia ter sido eu a ficar lá», pensou.

MIKE Odom, atônito, viu um bote de borracha amarelo-fosforescente e uma bóia de sinalização caírem junto dele, mas logo entendeu a mensagem.

— Vocês não estão indo embora! — gritou.

De olhos postos no helicóptero, subiu no bote, pensando: «Talvez eles tenham ido atrás do veleiro e voltem depois para me apanhar.» Mas o aparelho virou a 180° e voou em direção a terra.

Lembrando-se do rádio que levava no bolso, Odom ligou-o e perguntou:

— Que é que está acontecendo?

Como resposta, só obteve um ruído e depois silêncio. Não conseguia se comunicar. Momentos depois, as luzes intermitentes do helicóptero desapareciam. Pouco passava das 2.15.

Odom socou o rádio com o punho e deixou-se cair no fundo do bote. «Sou um homem morto», pensou.

Nesse instante, uma montanha de 10 m de água levantou o bote, atirando-o contra a superfície do mar e fazendo que ele fosse cuspidor pela borda. Rapidamente, o salva-vidas nadou de volta até a embarcação. Agarrado à borda, conseguiu colocar a perna direita em seu interior; depois, rolou de novo para o fundo. Atordoado pelos vômitos, colocou a cabeça de fora, sendo imediatamente varrido por outra onda.

«Não posso perder o bote», pensou, enquanto nadava mais uma vez até ele.

Exausto e ainda vomitando, içou-se novamente. Doía-lhe o rosto por causa do frio, e suas mãos e pernas estavam perdendo a sensibilidade. Além disso, a tempestade aumentava de intensidade. Odom sentiu-se completamente isolado, apesar do C-130 voar em círculos sobre ele na escuridão. Durante algum tempo, a tripulação do aparelho falou-lhe pelo rádio, tentando incutir-lhe força, mas Odom reconhecia a dura realidade: um avião não poderia resgatar do alto-mar um homem.

«Chegou a minha hora», pensou o salva-vidas. Sentado no bote, também ele cheio de água, puxou a corda de salvamento, de 15 m de comprimento, do interior do saco de meios de sobrevivência do barco, amarrando-a em torno do corpo. Depois, encostou-se à amurada e esticou os braços em ambas as direções, prendendo-os nos emaranhados de cordas, numa posição de crucificado. «Pelo menos, não terão de passar dias à procura do meu corpo», disse para si mesmo.

Seus pensamentos se voltaram então para Vittone, Peterson e os restantes companheiros do aeródromo de Elizabeth City. Ao contrário de Odom, em sua maioria os outros eram casados e tinham filhos. Imaginou então que, já que aquilo tivera de acontecer, ao menos que fosse com ele.

Na esperança de reidratar seu corpo, tentou beber a água que vinha

no estojo de sobrevivência, mas seu estômago até isso rejeitou.

Pouco antes das 5 horas, Odom lutou uma última vez com o pequeno rádio, utilizando suas últimas forças para pressionar o botão de transmissão. Tinham passado já quase quatro horas desde que estava na água.

— Estou com frio — murmurou para a tripulação do C-130.

Foi sua última mensagem.

A BORDO do helicóptero, após várias tentativas falhadas de contatar Odom, a tripulação concentrou-se em sua própria sobrevivência. O local mais próximo com terra firme encontrava-se a 250 milhas para oeste e eles voavam contra ventos na casa dos 70 km/h.

— Calcule aí nosso combustível — pediu o piloto.

Todos os olhos se voltaram para o co-piloto, enquanto este previa o consumo de combustível para os 6 minutos seguintes, procedendo depois a alguns cálculos rápidos.

— Parece que vamos ter de aterrar a 30 milhas da costa — avisou.

— Refaça o cálculo — pediu o piloto, e o co-piloto o fez novamente, mas dessa vez mais detalhado, com base no consumo por cada 15 minutos.

— Não chega para o regresso a Elizabeth City — comunicou por fim —, mas deve dar para atingirmos a praia mais próxima e ainda ficarmos com qualquer coisa no depósito.

Às 4.40, o helicóptero pousou em

segurança num pequeno aeroporto de Wilmington, na Carolina do Norte, e Vittone telefonou à mulher, Kari, que era quase tão próxima de Odom quanto ele.

Quando ela atendeu, o salva-vidas mal conseguia pronunciar as palavras.

— Tivemos de deixar o Mike no oceano — disse em voz solene. — Acho que o matamos.

JIM Peterson acompanhara o salvamento no aeródromo de Elizabeth City. Quando um segundo helicóptero foi retirado da manutenção para salvar Odom, ele foi um dos primeiros a saltarem dentro dele. Agora, sentado na parte de trás do aparelho, olhava pela janela. Pouco passava das 6 horas e, a leste, já se via um clarão alaranjado. «Será que o Mike está vivo?», perguntava-se ele.

— Quanto é que falta? — perguntou, ansioso.

— Já temos contato visual com a luz de sinalização do bote — responderam-lhe. — Prepare-se para saltar.

«É bom que você esteja dentro do bote, Mike», torceu Peterson. Então, prendendo seu arnês ao gancho, sentou-se na porta do helicóptero, com as pernas suspensas expostas aos primeiros raios de luz. Um vento gélido soprava sobre o capuz de seu traje de mergulhador. O mar assemelhava-se a um caldeirão fervente. «Estou indo, Mike», sussurrou Peterson.

O piloto apontou o farol de re-

conhecimento sobre o bote amarelo-fosforescente. Parecia um brinquedo em meio a toda aquela grandeza. O ritmo cardíaco de Peterson disparou.

— Olhe o Mike ali! — gritou, mas não havia alegria em suas palavras.

O corpo dentro do bote, enrijecido e imóvel, parecia já não ter vida. A cabeça estava caída, e os braços, estendidos como a figura de Cristo na cruz. Nada indicava que Odom estivesse vivo.

— Ponham-me lá em baixo! — gritou Peterson, com sua voz sobrepondo-se ao ruído dos motores.

Depois, saltando da porta deslizante, começou a descida. Uma vez na água, livrou-se do arnês e começou a nadar, até que agarrou a extremidade do bote com as duas mãos, se atirando dentro dele depois.

Os olhos fechados de Odom estavam cheios de sal e gelo. Seu corpo se apresentava rígido, enregelado. Da boca, escorria-lhe uma espuma esbranquiçada. Agarrando-o pelos ombros, Peterson sacudiu-o com força:

— Mike, acorda! — gritou, mas não houve resposta.

Começou então a massagear vigorosamente o peito do companheiro, quase que o esmurrando.

— Mike, consegue me ouvir? — gritou novamente, mas Odom continuava sem se mexer.

Peterson ficou ofegante: acabava de compreender que o companheiro poderia ter morrido.

Quase que em fúria, o salva-vidas

agarrou o companheiro pelo traje e bateu com seu corpo de encontro à amurada do bote.

— Mike, acorda! — gritava, com os olhos cheios de lágrimas, mas ele continuava a não dar sinais de vida.

Por fim, Peterson tirou uma luva, para medir as pulsações do amigo. Não conseguiu pegar-lhe o pulso.

Nesse preciso instante, sentiu algo tocar-lhe do lado da máscara facial. Virando-se, viu que era a mão esquerda de Odom, estendida para ele! Peterson colocou uma mão em cada uma das faces arroxeadas do companheiro, virando-lhe o rosto para si. Os olhos soldados tentavam em vão abrir-se.

— Vamos lá, amigo! — disse, tentando controlar a emoção. — Vamos sair daqui!

Empurrou do bote, então, o corpo rígido do companheiro, que se assemelhava a um espantalho, e prendeu-o ao gancho do cabo do helicóptero. Depois, fez sinal ao mecânico de vôo para puxar para cima.

Às 6.20, Mike Odom, transportado nos braços de Jim Peterson, entrava no aparelho. Passara cinco horas naquele mar tempestuoso. Foi então transportado para o cruzador da

marinha *Ticonderoga*, que se encontrava a 120 milhas — mais próximo dali que qualquer hospital em terra firme. No helicóptero, Odom recuperou a consciência, recebendo tratamento contra a hipotermia.

Após deixar o salva-vidas no *Ticonderoga*, o helicóptero voou para o veleiro em perigo, conseguindo salvar um quarto tripulante daquela embarcação. Mas, como a tempestade estava amainando, o capitão recusou-se a deixá-la. Viria a salvar-se, conseguindo navegar para águas mais calmas.

No dia seguinte, um helicóptero trouxe Odom de volta ao aeródromo de Elizabeth City, onde o aguardava uma recepção digna de um herói. Ao descer do aparelho, ainda movimentando-se com dificuldade, viu seus companheiros da base, entre os quais Jim Peterson e Mário Vittone, bem como Kari Vittone. Juntaram-se os quatro num abraço.

— Não pensei que fosse voltar a ver vocês — confessou Odom.

Por seu extraordinário esforço no salvamento de três pessoas com grande perigo de vida, Mike Odom recebeu a Cruz de Vôo com Distinção.

FOTO: © DE JOHN LUKE/INDEX STOCK

Efeito especial

UM POLICIAL de Cedar Park, no Texas, tinha a seguinte mensagem gravada na sua secretária eletrônica: «Tem o direito de ficar calado. Tudo o que disser pode e será utilizado para determinar se poderei responder ao seu telefonema.»

— Barbara J. Short, EUA